

Apresentação

Na chamada de trabalhos para o dossiê **Análise Schenkeriana**, perguntáramos: “Por que Schenker agora?”

Por que Schenker agora, se a partir da segunda metade do século XX sua obra foi acolhida, adaptada, debatida e difundida nos círculos acadêmicos norteamericanos, dos quais irradiou-se para o restante do mundo, acarretando uma profunda revisão conceitual no arcabouço teórico musical vigente? O que ainda restaria por explorar nesse corpus teórico já tão vasto que justificasse uma iniciativa como esta, de um dossiê temático? A verdade é que, passado tanto tempo desde a publicação de *Der Freie Satz*, a obra de Schenker continua a mostrar fecundidade e vitalidade.

Conforme argumenta Pedro Purroy, Schenker situou a música em um espaço teórico absolutamente novo, ao conseguir levar o seu olhar para um lugar mais profundo, em relação àquela superfície da música que tinha sido o limite intransponível para o resto das visões teóricas conhecidas. Ali encontrou um mundo de relações desconhecidas e insuspeitadas, de regularidades que exigiam ser representadas por conceitos completamente novos. Se as regularidades que se observavam eram de outro tipo e os conceitos que lhes correspondiam eram tão diferentes, naturalmente teria que ser distinta a concepção da própria música à qual remetiam. O que se estava colocando em questão não era apenas a nossa forma de pensar a música, mas nossa própria forma de conhecer, nossa forma mesma de teorizar. Estávamos verdadeiramente diante de uma nova epistemologia para a música, porque não apenas se tratava de uma nova teoria, mas de uma mudança no próprio conceito de “teoria”, o que certamente situava sua visão teórica, e também a nossa, em um plano epistêmico e epistemológico completamente novo e diferente.

Nosso intuito ao organizar este dossiê foi, desde o início, simultaneamente dar voz aos variados modos de apreensão e reivindicar este lugar teórico epistemologicamente diferenciado para a teoria de Schenker. Atendendo às nossas expectativas, a Revista ORFEU tem a honra de oferecer um conjunto de textos representativos da diversificada gama de abordagens e aplicações que a teoria de Schenker suscita.

No Sumário, agrupamos os trabalhos por afinidade temática ou metodológica.

Os três primeiros artigos do dossiê compõem a categoria que intitulamos **Teoria aplicada**. Em “Rules Are Made to Be Broken, or the Menuetto of Beethoven’s Op. 2, No. 1”, L. Poundie Burstein encontra sutilezas insuspeitadas na estrutura da obra, reveladoras da originalidade e do domínio técnico do ainda jovem compositor alemão. Em “The Art of Modulating, Preludizing, and Fantasizing: Schenker’s Thoughts about Keys and Key Change Reconsidered”, John Koslovsky e Matthew Brown abrem uma extensa discussão sobre o conceito de modulação em Schenker e sua relação com a arte da improvisação de fantasias e prelúdios, uma preparação para a análise dos dois Prelúdios Op.39 em Dó maior de Beethoven levada a cabo na segunda metade do ar-

tigo. “Relações de simetria na estrutura de Eu te amo, de Antonio Carlos Jobim e Chico Buarque de Holanda”, de Carlos Almada, combina conceitos da teoria schenkeriana e da teoria pós-tonal para constatar nesta obra prima da música popular brasileira simetrias estruturais e relações que transcendem os paradigmas estilísticos usuais.

O tópico **Conceitos teóricos e terminologia** é o que concentra o maior número de textos. Em “Prolongation” Nicolas Meeùs problematiza a versão do termo *Prolongation* em alemão para “prolongation”, em inglês, ressaltando a diferença entre o significado original do termo, que denota uma espacialidade tridimensional na relação entre superfície musical e nível fundamental, e seu significado em inglês, mais diretamente associado à noção de continuidade linear-temporal. Na mesma linha, “O modo de dizer da teoria musical: uma reflexão sobre a terminologia de Schenker”, por Ivan Nabuco e Sérgio Freitas, traz para o centro da discussão os termos *Umlinie* e *Ursatz*, buscando refletir sobre possíveis traduções que contemplem os significados que estes conceitos comportam no contexto do pensamento de Schenker, em particular sua relação com a noção de organicidade e unidade da obra de arte. Rafael Fortes, em “As transformações do organicismo e do conceito de motivo na teoria schenkeriana” dá continuidade à discussão sobre organicismo e expõe, na trajetória deste conceito ao longo da obra de Schenker, a interrelação existente entre aspectos técnicos e teóricos. No artigo intitulado “Schoenberg contra Schenker contra Schoenberg: polêmicas sobre dissonância, motivo e forma e as reconciliações possíveis”, Dudeque introduz a figura que mais diretamente disputa com Schenker o posto de principal teórico do século XX, Arnold Schoenberg e, sobre um pano de fundo histórico, discute conceitos centrais das obras teóricas de ambos.

O tópico seguinte, **Análise e performance: perspectivas neoschenkerianas** aborda as potencialidades e desdobramentos da teoria de Schenker na obra de seus continuadores, bem como suas implicações pedagógicas e performativas. Se Renata Correia e Adriana Lopes Moreira no artigo “A performance musical como perspectiva das propostas teórico-analíticas de Schenker e de teóricos neoschenkerianos” atêm-se a autores que seguem de perto, ainda que com relativa autonomia, a proposta teórica de Schenker, o texto assinado por Maria Lucia Pascoal e Adriana Lopes Moreira, “Razões e meios para o envolvimento com a proposta de Heinrich Schenker” incide justamente sobre a obra de autores que buscaram expandir a aplicação do pensamento schenkeriano a outros territórios e repertórios, adaptando seus conceitos e forjando outros novos, segundo suas necessidades. As autoras trazem ainda uma perspectiva didática, baseada na sua própria experiência, complementada por uma breve contextualização histórica da teoria e de seu percurso no Brasil e no mundo.

Encerrando o dossiê, o tópico **Epistemologia, teoria e análise** traz um ensaio do editor convidado Pedro Purroy Chicot. Trata-se de uma perspectiva teórica original, construída a partir de um longo processo que teve início já no seu primeiro contato com a obra Schenker, passando pelas traduções para o castelhano na década de 1990 dos livros seminais de Allen Forte e Steven Gilbert (Introduction to Schenkerian

Analysis) e Felix Salzer (Structural Hearing), e alimentado pelo contato direto com as obras musicais nos cursos de teoria musical e epistemologia do Conservatório Superior de Aragón (Espanha). Intitulado “Una Nueva Concepción del Sistema Tonal (La Concepción Global de la Música)”, o ensaio mostra a complexidade estrutural do Sistema tonal e analisa a manifestação desta complexidade na estrutura de uma obra musical particular, o Prelúdio em Dó maior (BWV 846) de Bach.

Nosso profundo agradecimento a todos os autores e avaliadores que contribuíram com este projeto que ora orgulhosamente compartilhamos com vocês, leitores.

**Cristina Capparelli Gerling
Pedro Purroy Chicot
Josep Margarit Dalmau
Guilherme Sauerbronn de Barros**